

*“Recordar personalidades e factos que deram
sentido à concretização dos sonhos é, por isso,
um acto de gratidão e de estímulo (...)
que ajuda a cimentar a unidade que nos define
e que há-de permitir que nos mantenhamos autênticos (...).*

Nuno Grande, O Homem e o Sonho, *Entre mim e os outros*

“... Aqueles que por feitos valerosos se vão da lei da morte libertando...”

Luís de Camões

Introdução

A Fundação Nova Cultura da Água manifesta o seu reconhecimento a todos aqueles que com empenho, dedicação e espírito solidário ajudaram a criar a Fundação. Nesta ocasião em que celebramos o VIII Congresso Ibérico em Lisboa a a Fundação gostaria de fazer uma menção especial àqueles sócios portugueses da mesma que nos deixaram para sempre - Nuno Grande, Laura Larcher Graça, Isabel Feijó - cuja vida profissional nunca foi vivida na perspectiva única e estreita do trabalho: este serviu-lhes sobretudo como veículo de abertura ao mundo, de comunicação com os outros, de solidariedade operante e sempre presente. Por isso aqui os lembramos com gratidão e saudade, mas também como exemplo activo a guiar as nossas acções.

Introducción

La Fundación Nueva Cultura del Agua manifiesta su reconocimiento a todos aquellos que con empeño, dedicación y espíritu solidario ayudaron a desarrollar la Fundación. En esta ocasión en que celebramos la VIII edición del Congreso Ibérico en Lisboa nos gustaría hacer una mención especial a aquellos socios portugueses que nos dejaron para siempre: Nuno Grande, Laura Larcher graça e Isabel Feijó, cuya vida profesional nunca fue vivida desde una perspectiva estrecha del trabajo, sino que les sirvió sobre todo como vehículo de apertura el mundo, de comunicación con los otros, de solidaridad siempre presente. Por ello aquí les recordamos con gratitud y tristeza, pero también como ejemplo activo que debe guiar nuestras acciones.

Nuno Lídio Pinto Rodrigues Grande

Biografia Breve

(Vila Real, 23.02.1932 — Porto, 8.10.2012)

Nuno Grande foi um médico e professor português, fundador do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e Director do Departamento de Anatomia do mesmo Instituto. Formou-se em Medicina e doutorou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, com uma tese de 19 valores.



Seguidamente foi mobilizado pelo Exército e colocado no Hospital Militar de Luanda. Foi Primeiro Assistente da Universidade de Luanda e Encarregado do Centro de Estudos de Medicina Experimental do Instituto de Investigação Científica de Angola, Presidente do Conselho Regional da Ordem dos Médicos e exerceu igualmente as funções de Director da Faculdade de Medicina e de Vice-Reitor da Universidade de Luanda.

Em 1974, regressou de Angola, tendo, em 1975, fundado, entre outros, com Corino de Andrade o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, no Porto. Nesta escola médica, em que foi regente da cadeira de Anatomia Sistemática realizou trabalhos inéditos de repercussão internacional.

Cargos

- Mandatário Nacional da candidatura da Eng^a Maria de Lourdes Pintasilgo à Presidência da República.
- Representante de Portugal na C.G.C.Q. da Direcção Geral, XII da CEE para a Investigação em Medicina e Saúde, 1986-1990.
- Membro do Painel de Conselheiros do Comité Científico da NATO.
- Pró-Reitor da Universidade do Porto para os assuntos Sociais.
- Presidente da Direcção da Associação Divulgadora da casa Museu Abel Salazar.
- Presidente da Comissão de Gestão do Instituto Nacional de Engenharia Biomédica (INEB).
- Representante da Universidade do Porto e Presidente da Administração da Casa da Cultura de Língua Portuguesa.
- Convidado pela Universidade da Ásia Oriental para fundar uma Escola de Ciências Médicas de Macau.
- Integrou uma missão da Fundação Gulbenkian para estudar a reactivação da Universidade de Angola (1987).
- Esteve na Guiné com a finalidade de reactivar a Faculdade de Medicina de Bissau.
- Foi condecorado pelo Governo Português com o grande oficialato da Ordem da Instrução Pública.
- Recebeu as Palmas Universitárias do Governo Francês.
- Fundador da Fundação Nova Cultura da Água.
- Membro do corpo editorial de seis publicações científicas nacionais e estrangeiras.
- Membro da Civitas Porto, da AMI, da APRIL (Associação Política Regional de Intervenção Local), da Associação dos Médicos contra a Guerra Nuclear, da Associação dos Médicos sem Fronteiras, da Sociedade Portuguesa de Recursos Hídricos, da Saúde em Português entre outras.

Testemunhos

Desde o primeiro dia em que chegamos a Biomédicas até ao resto das nossas vidas, Nuno Grande era a garantia de que todas e todos procuraríamos nas nossas vidas a essência da máxima de Abel Salazar que o próprio ajudou a eternizar: “O médico que só sabe medicina nem medicina sabe”!

Para quem passou 6 dos mais importantes anos da sua curta vida no velho edifício das “Biomédicas”, Nuno Grande não é um ídolo, não é um ícone e não é mito! Nuno Grande é o nome que ecoa nas paredes e nos recantos do edifício e das almas que por ele passaram – quer dizer conhecimento, quer dizer dedicação, quer dizer democracia, quer dizer diversidade do saber, quer dizer partilha e solidariedade no trabalho, na ciência, nas instituições e na sociedade em geral.

Bruno Maia (Médico, antigo aluno das Biomédicas) Opinião, 9 Outubro 2012

... E todos, todos se vão!

Osíris, o deus do Além, passou, na sua barca, à porta de Nuno Grande e levou-o, há dias, consigo. Vai chegar primeiro, Professor. Espere por nós, os que sempre e incondicionalmente em si acreditamos e que continuaremos, entretanto a combater por cá de olhos postos em si.

Homens como Nuno Grande, num mundo agreste, cínico, egoísta, desnorteado, ganancioso, levam-nos a pensar que a natureza humana não é necessariamente má e o “homem o lobo do homem” (...). Há, afinal, outros caminhos na sociedade que podem ser percorridos na senda da liberdade, da igualdade e da solidariedade. Foi por estes que a luz da sua vida viajou com uma grandeza infinita. E fica entre nós. Lembro, neste momento, em especial a sua dedicação à Fundação Afro-Lusitana e o apoio constante que generosamente lhe prodigalizou para a manter viva na ajuda a estudantes dos países africanos de língua portuguesa.

António Vilar (Advogado) Revista VIVA

(...) Ao evocar o currículo do Professor Nuno Grande, fico alucinado e maravilhado com a sua vida tão intensamente vivida, com o seu labor persistente, com a interminável luta contra a rotina, no anseio de se valorizar, no apelo da conquista de novos factos, de ser útil à sociedade (...)

António Gama Brandão (médico)

Nuno Grande, por si próprio

Entrevista a “A Página”

Pergunta: Partindo do princípio que as sociedades atravessam uma fase de globalização, nomeadamente pela mundialização das comunicações e da economia, e que, paralelamente, se levantam novos problemas (ambientais, laborais, etc.) e se registam notáveis progressos científicos, pondo em causa valores e princípios civilizacionais, em que medida é que esta situação se implica nas questões da educação?

Nuno Grande: É óbvio e evidente que tudo tem que ver com tudo. Tudo o que se passa à nossa volta acaba por nos influenciar, modelar e, de certa maneira, educar. Eu penso que o processo educativo é um processo permanente - nunca ninguém está completamente educado, nem completamente formado; até ao último momento da existência, há sempre coisas a fazer, a aprender, a modificar.

No sentido positivo, o que me impressiona na sociedade moderna é já não haver limites do ponto de vista dos temas que a sociedade debate. Sou suficientemente velho para me lembrar que havia temas apenas discutidos por certas elites, ou que só elas tinham acesso à informação necessária para os discutir. Hoje, essa barreira está ultrapassada. Com a globalização de que falava, não há temas exclusivos de elites, de pessoas especiais; toda a gente tem acesso a todas as formas de informação. A

mundialização da informação vai (e está a fazê-lo) modificar radicalmente as relações sociais e, consequentemente, as relações educativas.

Mas eu penso que isto tem, também, uma parte negativa. Se relacionarmos o saber com o poder, quem hoje tem mais poder continuam a ser as sociedades em que o saber é formulado e desenvolvido - o saber técnico especialmente. Lembro-me que uma das afirmações mais importantes na Constituição americana foi proferida por Thomas Jefferson: só é livre um povo que constrói o seu próprio saber. Isto tem uma implicação - com a tal mundialização do saber, nós absorvemos muita coisa que vem de outras culturas, sem criticar e sem procurar saber se a nossa cultura não teria alguma coisa a dizer em relação a esses saberes.

Eu creio que isto vai passar, que é um momento de transição e vamos ver que um grande número de culturas que hoje estão aparentemente uniformizadas vão começar a identificar-se, a tornar-se obviamente diferentes, criando os seus próprios saberes e, portanto, os seus próprios poderes. É um processo muito dinâmico. Sem nos darmos conta, vivemos uma autêntica revolução educativa permanente. Tudo está em mudança, dos hábitos aos valores, e, consequentemente, penso que este momento é uma espécie de laboratório cultural para alguém que está ligado à educação e quer contribuir para essa mudança.

Excertos do seu livro *Entre Mim e os outros*

1. Solidariedade ibérica no século XXI

O turismo (...) com as unidades hoteleiras e estruturas complementares ao longo das faixas costeiras contribuíram para a desertificação do interior dos dois países e o progressivo abandono das actividades do sector primário, principalmente dos grupos jovens das duas populações. Acresce que política agrária comum reduziu a importância deste sector pelo predomínio agro-pecuário dos países do Centro e Norte da Europa.

A distribuição da população pelo litoral agrava as tensões existentes nas zonas urbanas, desequilibra o problema da habitação contribui para o aumento progressivo da pobreza. Em paralelo, a renovação tecnológica acelerada que a indústria tem de sofrer para ser competitiva agravou a já tradicional fragilidade das empresas industriais dos dois países e é uma das causas do desemprego que tende a aumentar progressivamente

2. A Falta de Meios

Não haver meios suficientes para fazer funcionar os tribunais significa aceitarmos uma eficiente aplicação da justiça e, portanto, não nos identificarmos com o estado de direito. A lentidão do funcionamento deste sector da vida social portuguesa é uma injustiça intolerável que ora permite utilizar a prisão preventiva de forma anacrónica e imoral ou, ao contrário, deixar prescrever crimes que atingem a relação harmónica dos diversos componentes da nossa sociedade. (...) Esta fragilidade facilita e estimula toda a espécie de delitos, o que é tanto mais grave quanto a investigação policial também não é feita com meios suficientes e actuais

40. O direito à informação

Se o direito à verdade nem sequer se pode considerar novo, pois é estruturante da nossa civilização, ele está constantemente a ser aviltado, o direito à informação é de tal forma decisivo para que possamos ser cidadãos responsáveis (...) em todas as circunstâncias da vida e da nossa sociedade

Sem este direito garantido, a sociedade portuguesa fica dividido em pelo menos dois grupos de cidadãos – os que, informados, tomam as decisões que influenciarão o nosso futuro individual e colectivo e os que sem informação apenas sofrem as consequências, para o bem e para o mal de tais decisões.

Negar ou defraudar o direito à informação (...) leva a que tomemos consciência dos problemas que nos dizem respeito muitas vezes pelas reacções (...) noutros países como se fosse necessário prescrutar o que acontece noutras sociedades para termos conhecimento do que nos interessa. Um exemplo preocupante sobre este facto é o que diz respeito ao plano hidrológico espanhol e às consequências que irá ter sobre a vida dos portugueses.

Laura Larcher Graça

Biografia breve

(Braga 06.02.1940 – Lisboa 15.05.2013)

Formação Académica

Doutoramento em Agronomia, ISA-UTL, Lisboa 1995; Bacharelato em Psicologia, Universidade de Vincennes, Paris VII- 1975; Engenharia Florestal, ISA-UTL, Lisboa 1964.

As suas principais áreas de interesse profissional incidiram sobretudo em temas ligados ao desenvolvimento agrícola sustentável em zonas de montanha assim como às organizações de agricultores e política agrícola com o apoio das principais instituições onde trabalhou, primeiro como investigadora auxiliar, depois como investigadora principal, chegando a Directora do DEESA (Departamento de Estatística e Economia e Sociologia Agrícola)/EAN-INIA Lisboa, departamento que fundou

Do seu currículo destacam-se ainda as seguintes actividades profissionais:

- Membro do Ministério da Agricultura, Lisboa 1975/76;
- Economista Agrícola SEMA/METRA Internacional, Paris/ Argel 1970/72.
- Fundadora da Fundação Nova Cultura da Água.
- Bolseira ASTEF e Fundação Calouste Gulbenkian em SARES/SEMA 1968/70 Paris.
- Funcionária da FAO, Vertente Florestal, Roma, 1965/68



Testemunhos

LAURA

A Laura não é pessoa a quem se diga adeus, ela está em nós, faz parte das nossas vidas, das nossas alegrias e das nossas tristezas, dos combates que ganhámos e dos combates que perdemos, dos sonhos desmedidos e das pequenas trivialidades, ela está em nós porque a ninguém nunca ela deixou indiferente, ela era a que fazia a diferença, pela coragem, por ter ousado o risco e ter sabido partilhar o perigo, por ser íntegra, incómoda, por vezes inconveniente e provocadora, ela está em nós porque nunca faltou quando era preciso, está em nós com a sua gargalhada, com a sua radicalidade e também com aquele seu não sei quê por vezes ausente e triste, está em nós porque era a Laura e à Laura não se diz adeus, ela vai continuar aqui a discutir, a discordar, a ser solidária e generosa, e também politicamente incorrecta para continuar, como sempre, a desafiar a ordem estabelecida, sempre à esquerda da esquerda e sempre livre.

Manuel Alegre, Maio de 2013

J'ai rencontré Laura en 1976. Je me trouvais à Lisbonne avec un collègue agronome qui l'avait connue à l'institut agronomique de Paris-Grignon. C'était une jeune femme très sympathique, vive et intelligente. A cette époque les femmes ingénieurs agronomes étaient encore rares et j'étais agréablement surpris. Nous avons été déjeuner tous les trois dans un grand restaurant. J'étais au Portugal pour y étudier la réforme agraire, au moment où je venais d'achever une thèse sur les grands domaines dans la province de Séville. Laura fut ma première et précieuse informatrice. Par la suite, nous eûmes souvent l'occasion de nous revoir, à des colloques et, la dernière fois, lors de la soutenance de Fernando Baptista dont je faisais partie du jury. Elle travaillait alors dans le nord du pays et m'invita à m'y rendre. Elle m'avait paru fatiguée. C'est par sa sœur Margarida que j'ai appris plus tard ses graves ennuis de santé. J'ai gardé le souvenir d'une personne exceptionnelle et généreuse, très attachante et dont la disparition me cause un profond chagrin.

Michel Drain Mothré, géographe, directeur de recherche émérite au CNRS,
Comendador da Ordem do Infante D Henrique.

Isabel Feijó

Biografia breve

(04.01.1959 –15.08.2011)

Tradutora e intérprete de conferência, diplomada pelo Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), com pós-graduação no 1º curso de Interpretação da Universidade do Minho e curso de formação de intérpretes na Faculté de Traduction et Interprétation (FTI, anteriormente ETI) da Universidade de Genebra, Isabel Feijó desenvolveu a sua actividade profissional entre Portugal e as Instituições Europeias, as Nações Unidas, etc.



Na sua actividade de formadora, incansável defensora do ambiente e da nova cultura da água, recorria frequentemente a temas desta área, nomeadamente textos de Nuno Grande, Pedro Arrojo, Martinez Gil, etc, sobre a problemática da água.

Damos-lhe a palavra em excertos da entrevista que concedeu ao “Língua”, Centro Virtual Camões, Instituto Camões, em Abril de 2011.

"A minha actividade tem duas fases distintas, *grosso modo*. Comecei a trabalhar como intérprete de conferência em 1985, ou seja, imediatamente antes da adesão de Portugal às Comunidades Europeias. Como não havia intérpretes suficientes, foi necessário inventá-los. E eu fui inventada, tendo começado por trabalhar com intérpretes mais experientes. Tinha formação em tradução mas não tinha, até porque não havia, qualquer formação em interpretação. Quando, em 94, abriu o 1º curso de pós-graduação em interpretação de conferência na Universidade do Minho, agarrei essa oportunidade (...). Por isso digo que há duas fases na minha vida profissional de intérprete, o antes e o depois da formação formal. Depois prestei provas e fui aprovada como *freelance* no Parlamento Europeu e, mais tarde, na Comissão Europeia, continuando a trabalhar em Portugal.

Comecei a participar na formação de intérpretes e em júris de exame nos dois cursos de pós-graduação que existiam na altura. (...) percebi até que ponto essa actividade de formação me interessava. Inscrevi-me, então, na Escola de Tradutores e Intérpretes da Universidade de Genebra. Como formadora estive primeiro em Timor-Leste durante um mês, integrada numa missão do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) com o objectivo de avaliar as necessidades de formação de tradutores e de intérpretes. Voltei em finais de Janeiro seguinte para coordenar o chamado “projecto-piloto para o desenvolvimento das capacidades dos tradutores e dos intérpretes nacionais para o sector da justiça em Timor-Leste”. Com um contrato inicial de 6 meses, acabei por ficar quase dois anos.

O objectivo primeiro era constituir um núcleo de tradutores e de intérpretes para o sector da justiça. As autoridades timorenses estavam conscientes que era preciso tratar seriamente a questão das línguas e a formação de mediadores linguísticos. O PNUD aceitou o desafio e avançou com o projecto-piloto. Foi definida como área prioritária o sector da justiça incluindo a produção legislativa. A fasquia era elevada, mas o desafio era extremamente aliciante. Um país a ser construído do zero, com dirigentes determinados a fazer as coisas bem feitas, e ser-me dada a oportunidade de contribuir !

Foi um trabalho fascinante, porque tal como na construção do país, tudo tinha que ser feito desde o primeiro passo. Ter vivido dois anos num país a nascer e poder contribuir para isso foi uma experiência absolutamente extraordinária.(...) Foi também uma grande lição de humildade. Vivemos no conforto da Europa e achamo-nos muitas vezes donos da verdade. Mas não podemos estar ali para mostrar a nossa sabedoria, mas sim para ajudar as pessoas reais, com problemas reais."

Posteriormente, ao abrigo de uma parceria entre a Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa e a sua congénere em Maputo, a Universidade Pedagógica de Moçambique, Isabel Feijó organizou e leccionou três módulos de um curso de formação de intérpretes de conferência moçambicanos.

Testemunhos

Conheci a Isabel como intérprete profissional em 1992 (...) As suas competências linguísticas, o domínio das técnicas de interpretação, a capacidade organizativa e energia impressionaram-me profundamente (...) tal como a vastidão dos seus conhecimentos e o rigor da sua abordagem. (...) Em 2004 tive a sorte de trabalhar com a Isabel num Projecto piloto da UNDP para o Desenvolvimento da Capacidade de Tradutores e Intérpretes para o Sector da Justiça em Timor Leste que ela coordenou entre 2004-2005 (...) tornando-se uma defensora apaixonada do desenvolvimento do Tetum como língua totalmente funcional na área da justiça e da administração pública. (...) A sua capacidade de gestão e de organização, de comunicação entre várias culturas e de trabalhar com diferentes tradições, (...) o seu sentido de humor, o seu cuidado com as características especiais de cada estudante granjearam-lhe o respeito e a amizade de todos os que com ela contactaram

Luis Pinto, Intérprete de Conferência
UNMIT - Unidade de Tradução e Interpretação

Neste último ano (Isabel Feijó) deu um contributo inextinguível ao arranque do Mestrado em Interpretação de Conferência na Universidade Pedagógica em Maputo, Moçambique, tendo lecionado três módulos presenciais e participado em várias aulas via vídeo-conferência e dado um apoio constante aos estudantes e colegas moçambicanos. Que saibamos, o seu último compromisso profissional foi de facto, uma aula "virtual" sobre a Teoria da Interpretação Simultânea para os estudantes da Universidade Pedagógica. Como se pode ver, a Isabel sempre abraçava desafios de vários tipos: novos lugares, novos contextos de trabalho e novas tecnologias e nunca se deixava intimidar perante os mais inesperados contratemplos.

Ricardo, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Para Isabel Feijó

Siempre dispuesta a ayudar... a colaborar ... No sabías decir NO; siempre se podía contar contigo. Tu casa siempre estaba abierta, como lo estaba tu corazón, tu empuje y tu inteligencia para cualquier causa solidaria. No me extraña querida amiga, porque tuviste una descomunal maestra, una maravillosa madre-maestra. Echaremos a faltar tu cálida voz, traduciéndonos siempre de forma desinteresada, desde esa anónima cabina. Pero ya sabes que te tendremos con nosotros, bien dentro de todos nosotros y nosotras, en nuestro recuerdo y en el cariño y la amistad de quienes te queremos, Isabel.

Pedro Arrojo Agudo, Profesor emérito de la Universidad de Zaragoza.
Socio fundador y primer Presidente de la Fundación Nueva Cultura del Agua